

Na Pressão.

O lado profeta do poeta.

Lenine é mais que um compositor. É uma espécie de cronista de uma sociedade em movimento. Em suas canções, se pode entender melhor o Brasil, suas lutas, seus contrastes, suas alegrias e perversões. Em toda a sua discografia, essa característica de Lenine fica mais evidente no álbum "Na Pressão", de 1999. Nele, além da faixa-título, há canções emblemáticas do Brasil do finalzinho do século XX. Em "Relampiano" encontramos estampada a miséria (ainda) presente na vida de milhões de brasileiros. A vida dura de "Neném", um menino pobre, que vende drops nos cruzamentos da cidade é retratada com maestria. Sua vida de quase-criança que já começa a lutar pelo pão fora do barraco em que mora com a mãe lavadeira e grávida do atual padrasto. Qualquer semelhança com milhões de brasileirinhos não é mera coincidência: é o talento de Lenine como narrador de histórias precisas.

Em "Tubi Tupy", Lenine canta a vida dos brasileiros mais brasileiros do mundo: os indígenas. Em meio a visões telúricas e espaciais, nosso "Libertado Astronauta Tupi" mostra que nossos índios vivem hoje entre o analógico e o digital, em meio "a beleza do caos atual as misérias e mil esplendores do planeta de neanderthal".

Ainda no mesmo álbum há "Rua da Passagem", onde Lenine aborda um dos problemas brasileiros: o trânsito. Não tanto como problema de locomoção urbana, mas como uma atividade onde os brasileiros encarnam seu pior lado: o egoísta. Na canção, Lenine chega a ser educativo ao ressaltar que educação e respeito ao direito do outro é fundamental.

Mas, a grande canção do álbum é mesmo sua faixa-título. "Na Pressão" é ao mesmo tempo precisa e profética. Afinal, nosso país, tanto em 1999 quanto ainda hoje, é uma imensa panela de pressão, prestes a explodir.

OLHO NA PRESSÃO, TÁ FERVENDO
OLHO NA PANELA
DINAMITE É O FEIJÃO COZINHANDO
DENTRO DO MOLHO DELA

O Brasil é a terra dos feitiços, das macumbas, das mandingas. E nesse cenário Lenine desenha sua cena: uma bruxa cozinhando seus feitiços, tendo como ingredientes a pior das mazelas do Brasil: a violência. Violência no campo, nas cidades, na fronteira.

A BRUXA ACENDEU O FOGO
SE CUIDA, RAPAZIADA
TEM MANDINGA DE CABOCLO MANDANDO NESSA PARADA.

GARRAFADA DE SERPENTE
DESPACHO DE CACHOEIRA
QUANDO MAIS O FOGO SOBE
MAIS A PANELADA CHEIRA.

OLHO NA PRESSÃO, TÁ FERVENDO
OLHO NA PANELA
DINAMITE É O FEIJÃO COZINHANDO
DENTRO DO MOLHO DELA

A BRUXA MEXEU O CALDO
SE LIGA AÍ, Ô GALERA
TÁ PINGANDO NA MISTURA
SALIVA DA BESTA-FERA.

CHACINA NO CENTRO-OESTE
E GUERRILHA NA FRONTEIRA;
EMBOSCADA NA AVENIDA
TIRO-E-QUEDA NA LADEIRA,

O país coleciona chacinas. Na disputa por terra, por pontos de tráfico, por ajuste de contas e até mesmo por "limpeza" social, como no caso da Candelária, em 1993. Ali meninos foram mortos por serem de rua. Sua pobreza incomodava. Fez-se a chacina. No centro-oeste, a luta pela terra continua somando vítimas. E, na fronteira, à época do álbum, as FARC faziam sua guerrilha particular na vizinha Colômbia. E continuam os tiros pelas ruas, em assaltos cotidianos. Nos últimos 30 anos, o número de mortos por arma de fogo no Brasil cresceu 346 %¹. Hoje, mata-se mais de 50 mil brasileiros, todos os anos, o que nos coloca no lugar mais alto do pódio mundial dos matadores. É a besta-fera em todo o seu vigor. É o estado de guerra constante. O medo. A inclemência de um país assassino que, segundo Lenine, está prestes a explodir. Afinal feitiço é bumerangue perseguindo a feitiçeira.

Claudio Luiz de Aguiar Gonçalves
Pós-Graduação em Canção Popular
Turma 2013

¹ * <http://noticias.r7.com/brasil/mortes-por-arma-de-fogo-no-brasil-crescem-346-em-30-anos-07032013>